

Avessa

252



Gregory Haertel¹

Cena 1 – Entrada do Público

(Mulher está sentada nua, com as pernas encolhidas, como se protegesse o corpo. Chora baixinho)

Cena 2 – Encontro

(Mulher está vestida ou se arrumando para um encontro)

Mulher: Foi assim que o fim começou. O meu namorado da época tinha me convidado pra sair. Eu me arrumei. Fiquei horas na frente do espelho me achando feia, achando que ele não ia olhar pra mim. Dois meses de namoro. Parece pouco, né? Mas eu já me sentia dele. Sem nunca ter sido dele nem de ninguém, eu já me sentia assim. *(pausa)* Eu

¹ Dramaturgo, escritor e psiquiatra.

fui até a casa dele por uma rua escura. Pela mesma rua que eu sempre ia. Eu caminhava pensando nele e pensando se ele pensava em mim. Quando eu cheguei perto do portão, eu percebi que alguma coisa me seguia. Eu corri. O que me seguia correu também. Eu bati desesperada na porta da casa. O meu namorado abriu a porta. Ele me viu. E sorriu. O meu namorado sorriu pra mim. Então a coisa que me seguia gritou pra ele: “entra e fecha a porta se não queres morrer também”. E o meu namorado fechou. Eu escutei a chave girando. Eu também não queria morrer. A coisa que me seguia me arrastou pra um beco do lado da casa. A coisa que me seguia rasgou a minha roupa e me deu alguns tapas no rosto. Eu senti a cara inchando. Ele me disse: “vieste pra dar, né? Eu vim pra comer”. Eu nunca tinha sido de ninguém e eu fui dele, da coisa que me seguia. Eu fui, sem querer. Eu fui, obrigada, rasgada. Era como se a ponta de uma tesoura estivesse entrando em mim. E quando ele me deixou ali, jogada, eu não sabia nem quem era ele e nem quem eu era. Eu não era mais alguém. Eu não era mais eu. Naquele momento, eu era qualquer coisa.

Cena 3 – Estupro

Mulher (*desesperada*): Abre a porta! Abre a porta, porra! Ele tá aqui! Tem alguma coisa atrás de mim! Cuida de mim! Cuida de mim, porra! (*pra alguém da plateia, implorando baixinho*) Cuida de mim? Por favor! Tem alguém atrás de mim! Por favor!!!

(Cena de estupro. Fim da cena é idêntica ao início da peça, com a mulher sentada abraçando os joelhos)

Cena 4 – Namorado

(Mulher se levanta se cobrindo com o que encontra pela frente e caminha lentamente até a porta da casa do namorado. Bate na porta)

Mulher: Abre. Amor, abre. Eu to machucada. Abre, amor. Ele já foi embora. Tu não vais morrer. Eu não morri. Abre. Deixa eu entrar. Por favor. Abre. Por favor. (*Mudança de tom e de interlocutor*) Eu fiquei ali horas, esparramada na porta da casa dele. Como o jornal que ele recebia todos os dias. Horas ali. Horas sem saber quantas mil vezes eu pedi pra ele, pro meu namorado, “por favor, abre”.

Cena 5 – Suja

Mulher: Eu tinha ido visitar o meu namorado! Eu tinha me arrumado toda pra ele! Eu tinha colocado a minha melhor roupa! Ele falava que eu era a mulher mais bonita do mundo! Mas em cinco minutos tudo mudou. Ele não abria mais a porta. Ele não respondia quando eu implorava. Ele não queria me ver. Eu estava suja. Tu achas que eu estou suja? Eu to com cheiro da coisa que me seguia, eu sei. Eu to suada. A coisa que me seguia está escorrendo de mim. Eu precisava de um banho. De um colo dele. Do silêncio dele pertinho do meu. *(Para uma pessoa da plateia)* Não fala nada, tá? Só fica aqui. Quietinha do mesmo jeito que eu queria que ele estivesse comigo. Perto. Não me toca. Não precisa. Eu to suja *(Pausa longa)*. Ele não podia ter feito isso comigo! O meu namorado não podia ter me abandonado!

Cena 6 – Raiva

254

Mulher: Canalha!!! Idiota!! Por que isso? Porque eu fui rasgada?! Porque eu to suja?! Eu ainda to aqui! Sai da porra dessa casa e vem me olhar! Sai da porra desse teu mundo perfeito e vem me ver! Eu fui arremessada pra dentro do espelho. Queres ver a vida de verdade? Olha pra mim. Eu sou quem eu era e eu sou outra. Covarde! *(Pega uma tesoura)* Ele me cortou. A coisa que me seguia me cortou. Ele me deitou no chão, rasgou a minha roupa, bateu em mim e me cortou. O corpo dele era uma tesoura. Era como se fosse uma tesoura. Eu senti uma tesoura me rompendo. Assim. Assim. *(Pausa. Respira fundo. Sorri. Guarda a tesoura dentro de uma caixa. Embrulha a caixa com papel de presente)*

Cena 7 – Castração

Mulher: Eu voltei pra minha casa e esperei quatro dias. Comprei uma roupa igual àquela que eu vestia naquela noite. Me maquiei igual. *(Pega o embrulho de presente)* Saí de casa do mesmo jeito, à mesma hora. Fui pelo mesmo caminho. Ninguém me seguia. Abri o portão e bati de leve na porta. “Quem é?” Foi a primeira vez que eu ouvi a voz dele depois daquele dia. A mesma voz de antes. “Sou eu”, eu disse, “eu senti a tua falta”. Ele ficou um tempo sem falar. Depois ele me disse, a porta ainda entre nós: “eu também”. *(Pausa longa)*

Ele: Eu não sei se eu consigo.

Mulher: Vamos colocar uma pedra sobre tudo isso. Fingir que não aconteceu nada.

Ele: Eu não sei.

Mulher: Tenta.

Ele: Eu fui fraco.

Mulher: Abre.

Ele: Se eu abrir, tu me desculpas?

Mulher (*Mudança de interlocutor*): Ele estava chorando. Eu ouvia ele chorando do outro lado da porta. Ele estava chorando como eu tinha chorado naquela noite. Eu trouxe um presente pra ti, eu disse. Abre a porta. E então ele abriu. Pro presente, ele abriu a porta... Essa era eu, eu disse pra ele. Essa era eu na semana passada. Foi assim que eu vim pra ti. Eu vim porque eu queria ser tua. Eu vim pro meu corpo abrir caminho pro teu. Eu vim cheia de certezas. Certeza de que tu cuidarias de mim. Certeza de que me ensinarias os caminhos do meu corpo. Certeza de que não me abandonarias. E hoje eu venho assim. Quinze anos mais velha nestes quatro dias que passaram. Olha pra mim. Eu disse que eu tinha um presente. Tá aqui (*Estende o embrulho*). Espera. Não abre ainda. Tira a roupa. Pode tirar. Eu já te vi nu. Tira. Isso. Agora abre. Eu abro pra ti. (*Desembrulha e abre a caixa. Mostra a tesoura. Cena de castração do homem com a tesoura. Mulher segura um objeto que simbolize o pênis cortado do namorado*)

Cena 8 – Ironia

Mulher: Eu não sei se alguém já passou por isto, mas os primeiros minutos depois de se cortar o pênis de alguém são meio confusos. Pros dois, eu acho. Ele ficou ali, berrando. O meu namorado, não o pênis. Então eu falei pra ele: “cada vez que olhares pra uma mulher, lembra o que tu me deixaste passar” (*Mulher guarda o objeto que simboliza o pênis do namorado dentro da mesma caixa onde antes estava a tesoura*). Ele nunca mais falou comigo. Eu nunca mais ouvi falar dele. (*Mulher coloca a caixa em um lugar de destaque e a observa demoradamente*)

Cena 9 – Confissão

Mulher (*Para a caixa que contém o pênis*): Sabe? Como todo mundo, eu nasci sem pedir, sem saber quem eu seria, sem saber em que família eu iria parar. Num mundo de homens, eu nasci mulher. Usei saia, brinquei com o batom da mãe, fui ensinada a me preservar, a não falar alto, a cruzar as pernas e a não andar sem camisa. Como todo mundo, eu segui sem saber para onde eu seguia e tomei decisões sem saber que eu estava decidindo alguma coisa. Eu disse alguns não sem saber que eu poderia ter dito sim. Eu não fiz muitas coisas pelo simples fato de não saber que eu poderia ter feito. E, como todo mundo, eu continuei seguindo. Como quase todo mundo eu andei em uma estrada clara, reta, calma, sem nada que me atrapalhasse até o dia em que eu fui atropelada pela vida. E de repente eu me vi aqui. No meio de uma história que eu não tinha escolhido. Eu fui cortada pela história. Eu nem sabia, mas a vida veio aqui e me cortou de dentro pra fora. O mundo inteiro me virou do avesso. Sem eu pedir. Sem eu querer. Sem eu saber porquê.

256

Cena 10 – Mentiras Cotidianas

Mulher: Eu não quero mais nenhum corpo encostando no meu, porra!!! Eu não quero mais essa dor de dar e ser rompida, de oferecer e ser consumida, essa dor de tentar sair de mim! Eu to bem assim. Eu to numa boa. Eu to feliz.

(Mulher se senta na plateia, perto de alguém, cabisbaixa. Não fala nada. Não olha pra ninguém. Depois de um tempo assim apática, alheia, a Mulher, sem querer, encosta na pessoa da plateia. Com o toque, a Mulher explode) Não encosta em mim!!! Não me toca!!!! (se envergonha) Desculpa.

Eu... Desculpa. *(Levanta-se rapidamente e vai para um outro lugar. Aflição. Talvez música instrumental. Depois de algum tempo, a Mulher inicia uma conversa com uma tia imaginária)*

Cena 10 – Confissão

Mulher: Tia, eu me fechei. Eu não sei o que aconteceu comigo. Eu to com raiva de tudo. O mundo me fez mal e eu fiz mal pro mundo, tia. Eu

achei que a gente tava quites. O mundo e eu. E eu achei que eu ficaria bem. Eu juro que achei. Eu pedi proteção e ele negou. Eu pedi carinho e ele não abriu a porta. Eu pedi compreensão e ele não teve. Eu fui à guerra. Eu matei e eu morri. E agora eu estou aqui, tia. Sozinha. Só eu e a tia. Só nós duas. Fala comigo. *(pausa. Mulher se aproxima de alguém da plateia)*: Sabe o que a tia me disse? Ela me disse que eu precisava conseguir viver apesar daquilo tudo. Ela me disse: “usa a tua raiva pra perdoar. Usa a tua dor pra te abrir. Usa o teu medo pra conseguir sair. Usa a tua vida. Ela é tua. Não deixa ninguém a usar no teu lugar. Vai”. E eu tentei ir.

(Cena recortada de diversas tentativas de abordar alguém sem sucesso. Pode falar para alguém imaginário “ei...” e desistir, depois para outra pessoa “eu queria saber se...” e desistir, depois só fazer menção de ir e desistir, etc...)

Cena 11 – Primeira Vez

Mulher *(Depois das diversas tentativas de aproximação da cena anterior, a Mulher se resigna)*: Como é que a gente faz quando a gente não sabe? Quando a gente imagina que vai doer, que o cara pode ser igual à coisa que me seguia? Como é que a gente faz pra apagar a luz sem ter medo? Eu tentei. Muito. Eu tentei tocar e tentei ser tocada. Eu tentei com algumas pessoas. Eu chorei muitas vezes por não ter conseguido... Então eu reencontrei um homem. Um amigo de infância, de quando a gente tinha cinco ou seis anos. Franzino. Tímido de ficar vermelho com um aperto de mão. Eu o convidei pra entrar. E ele entrou. Olhou a sala. Eu disse: “senta”. “onde?”. “onde tu quiseres. Fica à vontade”. Ele sentou e eu fiquei em pé. “tás com medo?”. “não. É que eu sou meio sem jeito”. “não mais sem jeito do que eu”. Acho que ele gostou do que eu disse. Ele sorriu.

Ele: “por que é que me convidaste?”

Mulher: “pra tu me ensinares”.

Ele: “como é que eu vou te ensinar se nem eu sei?”

Mulher: “então a gente aprende juntos”

Mulher: Daí ele olhou praquele lado e viu o embrulho.

Ele: “o que é isso?”

Mulher (*Indo até o embrulho e disfarçando*): “isso? Nada, não”

Ele: “parece um presente. Ganhaste de alguém?”

Mulher: “Não, eu...”

Ele: “de outro homem?”

Mulher: “deixa pra lá, vem aqui...”

Mulher: Ele não sabia, nem eu. Eu tinha sonhado perder daquele jeito. Perder por querer. Decidir perder. Tem gente que perde com o homem da vida. Tem gente que perde com a mulher que ama. Tem gente que perde com o primeiro que vê. Tem gente que perde bêbada. Tem gente que custa pra perder. Tem gente que perde na primeira noite. Tem gente que demora mais de dois anos. Tem gente que perde e nem sente. Tem gente que perde e chora. Tem gente que perde e se arrepende. Tem gente que quase perde e desiste. Tem gente que implora pra perder. E tem gente, como eu, que perde duas vezes. Mas é só esta, a segunda, que conta pra mim. A minha segunda foi a minha primeira. A minha segunda foi aquela que eu quis.

Cena 12 – Amor

Mulher (*Para o Homem que ama – representado por alguma roupa masculina ou outra coisa*): Fica. Só mais um pouco. Fica comigo. Te atrasa um pouco. Tu fazes mais falta pra mim que pro teu trabalho. Me amas? Eu também. Muito. Lógico! Caso. Quando? Três. Três filhos. (*Enquanto a Mulher fala, ela segura a roupa masculina como se fosse o namorado. Aos poucos ela vai soltando a roupa, como se o homem estivesse indo embora*). Não vai. Fica aqui. Mora comigo. Tá tão bom. A gente tá se curtindo tanto. Fica mais um pouco. (*Mulher solta a roupa*)

Cena 13 – Separação

Mulher (*Para o público*): Mas ele se foi. (*Referência à cena 4*) Eu não pedi: “Volta. Amor, volta. Eu to te implorando. Volta, amor. Não vai embora. Tu não podes ir. Eu não vou conseguir viver. Volta. Entra. Por

favor. Volta. Por favor”. (*Mudança de tom e de interlocutor*) Eu não agi assim. Eu não fiquei ali horas, esparramada na porta da casa dele. Eu sofri. Eu chorei. Ele se foi mas eu fiquei. Eu já tinha sido rasgada demais pra eu me rasgar de novo.

Outra Mulher (*Falando para a Mulher*): Chora!! Chora, porra!! Sofre!! Sofre, porra!!! Tu és mulher! Tu és sensível! Tu és frágil! Tu tens que ser o apoio do homem!! Sozinha tu não és nada!! Chora!! Sofre, porra!! Tu foste abandonada!! Tu foste traída!! Tu foste usada!! Tu foste comida!! Chora, porra!! Sofre!! Tu estás sozinha!! Tu precisas dele pra ter prazer!! Tu dás por obrigação!! Corre atrás dele!! Te ajoelha!! Implora!! Chora!! Chora no meu ombro! Chora no ombro da tua amiga! No ombro da tua sogra! No ombro da vida!! No ombro do mundo!! Chora!! Chora!! Chora, porra!! Chora, tu és mulher!

Cena 14 – Encontros

Mulher: Essa é a mulher que eu gostaria de ser. (*pra pessoas da plateia*) “Casa comigo? Tropa comigo? Eu não to te implorando. Eu não to te pedindo. É só um convite. Vem. É o meu corpo. Passa o final de semana lá em casa? Desculpa, hoje eu quero ficar sozinha. Eu não quero te ver. Eu não quero transar. Quando der, eu te ligo. Eu só quero ler um livro. Esse é o jeito que eu sou, que eu dou. Quando eu quiser. Como eu quiser. Isso eu não faço. Isso eu não gosto. Eu gosto quando tu fazes assim. Assim eu gozo. Eu gosto de meninas. Eu gosto de meninos. Eu gosto do que eu quiser gostar”. E eu poderia falar qualquer uma dessas coisas. Ser assim, do jeito que eu quisesse. Mas eu ainda não era. Quando eu tiver uma filha, ela vai poder ser qualquer uma delas. Ela vai poder ser qualquer mulher. Ela vai poder construir a história dela. Quando eu tiver uma filha, eu vou falar pra ela:

Cena 15 – Filha

Mulher: Meu amor, a tua mãe te quis assim: mulher. A tua mãe te quis forte como ela foi, mas sem as guerras que ela teve que travar. A tua mãe te quis leve como ela tentou ser, sem as asperezas todas que ela encontrou no caminho. A tua mãe te quis desejando e conquistando, sem todos os obstáculos que a fizeram desejar sem conquistar. A tua

mãe te quis orgulhosa do teu corpo, do teu prazer, dos teus amores, sem vergonha de nada que existe em ti, sem vergonha do teu sexo, do teu trabalho, dos teus anseios. A tua mãe te quis nua de toda roupa que todos sempre a vestiram, sem medo dos teus desejos, sem medo da tua pele. A tua mãe te quis mulher. E te quis livre. Vai. Vai, minha filha. Vive o caminho que a tua mãe e tantas outras abriram pra ti. Vive o caminho que só tu vais poder viver.

Cena 16 – Final

Mulher: Eu sou a minha filha. Eu sou a filha delas. De todas aquelas que o mundo rasgou. Eu sou a filha de todas as putas e de todas as senhoras de engenho. Eu sou a filha das cortesãs mais finas e das madames mais bem-vestidas. Eu sou a filha das cozinheiras e das amas de leite. Eu sou a filha das enfermeiras e das mulheres que morreram de fome. Eu sou a filha das loucas e das freiras. Eu sou a filha das virgens e das libertinas. Eu sou a filha da adolescente que morreu no parto e a filha da anciã que resiste no asilo. Eu sou a filha da analfabeta e da doutora, da dona de casa e da operária, da empregada e da patroa, de Lilith e de Maria. Eu sou a filha da filha da filha de todas nós. A filha da filha da filha da filha. Eu sou a última e a primeira da fila. Eu sou aquela que nascerá no mundo que todas nós ajudaremos a construir.

(Mulher pega a tesoura e corta um fio que prende a sua roupa. Mulher fica nua)

FIM